

## A Igreja, a esperança e o futuro

Cardeal Mario Grech,

Secretário-geral do Secretariado-geral do Sínodo

Nenhum outro autor da literatura do século vinte ofereceu uma representação mais bela da esperança do que Charles Péguy. Na sua obra *Os Portais do Mistério da Segunda Virtude*, Péguy fornece-nos intuições belas, profundas e estimulantes sobre a segunda virtude teológica, ou seja, a esperança.

Ele escreve que a *Fé vê o que é, a Esperança vê o que será, e o Amor ama o que é*. Estas palavras oferecem muito para refletir sobre a nossa fé, a nossa esperança e o nosso amor. Na minha opinião, elas servem como uma chave muito apropriada para compreender o que é a Igreja, ou melhor, para compreender a forma como vivemos como Igreja, porque a eclesiologia nunca é apenas um conceito, mas também sempre uma experiência vivida. A reflexão poética de Péguy oferece uma arquitetura espiritual, uma bússola teológica e um quadro inspirador para a renovação. No contexto da sinodalidade, estas linhas oferecem um convite profundo a reimaginar como a Igreja escuta, discerne e caminha junto.

Desejo começar com a terceira virtude: o amor, que é a mais evidente. Amamos a Igreja, e é por isso que estamos aqui; é por isso que trabalhamos todos os dias pelo bem da Igreja. Valorizamos com entusiasmo a sua missão. Há pouco a ganhar materialmente servindo a Igreja. O amor não é uma emoção que sentimos pela Igreja, mas a forma como a habitamos. Nada justifica o nosso compromisso com a Igreja a menos que o nosso trabalho seja motivado pelo amor. Os vários carismas e ministérios que temos dentro da Igreja, e a forma como cumprimos os nossos deveres, são um testemunho claro do nosso amor pela Igreja de Cristo e pela sua missão. Este amor é o que torna possível a comunhão e anima a nossa caminhada juntos.

O amor é a virtude que nos mantém firmes quando tudo o resto parece incerto. O amor não espera pela perfeição para abraçar—ele escolhe comprometer-se com a realidade tal como ela é, com toda a sua fragilidade, complexidade e beleza. No contexto da sinodalidade, o amor não é um sentimento passivo; é um compromisso ativo com a comunhão, mesmo quando o caminho não está claro ou as conversas são difíceis. Apenas o amor pode fazer-nos permanecer à mesa quando a compreensão falha.

O amor é a decisão de permanecer presente. É a recusa em desengajar-se quando surgem tensões, a disposição para ouvir quando as vozes colidem, e a coragem de permanecer à mesa quando o consenso parece distante. É a maturidade espiritual que reconhece que a unidade não é uniformidade, e que a verdadeira comunhão, enraizada no Espírito Santo, é forjada não apenas no acordo, mas no respeito mútuo e no propósito partilhado.

No processo sinodal, o amor expressa-se através da ternura e da fidelidade—ternura para com aqueles que não se sentem ouvidos ou excluídos, e fidelidade à Igreja como corpo vivo, chamado a crescer e evoluir. O amor é o que nos permite criar espaço uns para os outros, honrar a dignidade de cada voz e confiar que o Espírito está a trabalhar mesmo nos nossos desacordos.

De facto, o amor anda de mãos dadas com a fé. Não apenas amamos a Igreja, mas também acreditamos nela. Vemos a Igreja como um sinal, símbolo e sacramento da presença de Deus no mundo, da Sua palavra salvífica e das Suas ações. A nossa Igreja não é perfeita — longe disso — nunca foi e nunca será. No entanto, através da fé, podemos distinguir o trigo da cizânia, a graça de Deus do pecado humano. Porquê? Porque temos fé. Porque dentro desta instituição humana, vemos algo que é mais do que humano — algo divino. A fé não é otimismo cego, mas o reconhecimento lúcido da realidade. A fé vê a Igreja como ela é—a sua vitalidade e as suas feridas, as suas tradições

e as suas tensões, a sua unidade e as suas polarizações. Num caminho sinodal, isto significa começar com uma escuta radical: de todo o Povo de Deus, dos gritos dos marginalizados e da sabedoria enraizada na tradição. A fé ancora-nos na verdade, e a verdade é o único solo no qual pode crescer uma genuína transformação.

Péguy não fala apenas de fé e amor, mas também de esperança. Esta virtude, da forma como ele a descreve, tem muito a ver com o futuro. Enquanto a fé e o amor se relacionam com o presente, a esperança relaciona-se com o futuro. A esperança recorda-nos que nem tudo está completo. Aplicada à Igreja, a esperança é uma garantia—diz-nos que a Igreja tem um futuro—que o santo povo de Deus tem um futuro! Também denota um sentido de missão, pois temos de construir este futuro. Mas, em última análise, tenhamos também em mente que a esperança é uma virtude teológica—vem de Deus e conduz a Deus. A esperança não é meramente uma garantia e a concessão de uma missão; é também um lembrete de que o futuro é de Deus, e nós estamos nas Suas mãos. A nossa esperança está enraizada na pessoa de Jesus Cristo e na certeza do que Deus prometeu Nele.

A esperança e o futuro exigem de nós um sentido de desapego, de se entregar. A esperança ensina-nos a trabalhar sem possuir o que construímos. Mas também sabemos que o futuro é maior do que o passado e o presente, e este é principalmente o futuro de Deus. Colocamos o nosso trabalho, a nossa missão nas Suas mãos. No percurso sinodal, a esperança sustenta-nos ao longo do delicado e árduo caminho do discernimento e da conversão.

Péguy, na sua obra, parece priorizar a esperança e o futuro. Há muito a aprender com isto, e não estou meramente interessado em argumentar contra o pessimismo que frequentemente se apodera da Igreja. Se o futuro está nas mãos de Deus, então isto concede-nos liberdade e humildade em relação às nossas ações no presente. Fazemos a nossa parte com humildade, sem encaixotar Deus nas nossas categorias ou limitar o futuro dentro da nossa compreensão presente. Cumprimos o nosso dever com liberdade interior, sabendo que, em última análise, o futuro pertence a Deus, que pode curar as nossas imperfeições. Vem-me à mente a frase do Evangelho de Lucas: "Somos servos inúteis; fizemos apenas o nosso dever." (Lc 17,10). Talvez não sejamos totalmente inúteis, mas, no entanto, somos indignos comparados com a graça de Deus. Simplesmente fizemos o nosso dever; o resto pertence a Deus, e o futuro é Dele. Esperamos, não porque prevemos o resultado, mas porque encontramos Aquele que detém o futuro.

Esta é uma chave para compreender o processo sinodal. Muito foi realizado, e foi feito porque amamos a Igreja e acreditamos que hoje a Igreja é chamada a expressar a sua natureza através de uma abordagem sinodal. Mas olhemos também para a frente, lembrando que há mais a fazer; uma verdade que reconheceremos cada vez mais à medida que este encontro se desenvolve. No entanto, nem tudo isto nos cabe fazer. O futuro pertence a Deus, e é por isso que olhamos para a frente com esperança. Também olhamos para a frente com humildade — fizemos a nossa parte; o resto está nas mãos de Deus. É por isso que enfrentamos o futuro com liberdade: não estamos vinculados aos nossos projetos; a Igreja pertence a Deus, que completará, mudará e aperfeiçoará o que fizemos. Isto é o que a esperança realmente significa.

Este deveria, portanto, ser o sentimento que caracteriza a nossa celebração jubilar, especialmente neste ano dedicado à esperança e na fase atual de receção e implementação dos frutos do Sínodo. Estamos aqui porque amamos a Igreja e acreditamos na Igreja, mas talvez, mais importante ainda, porque esperamos na Igreja. É uma esperança que não se baseia nos nossos sonhos nem nas nossas ideias, mas na convicção de que a Igreja é a Igreja de Deus e que o seu futuro está assegurado.

Por esta razão, como Péguy nos recorda, *a esperança ama o que ainda não veio*—o que se revelará no futuro e na eternidade.